

SILVA, Andressa Moretti. **Pistas para se pensar em presença: primeiras rotas.** Campinas: Unicamp. Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena – IA – UNICAMP; Mestrado. Orientadora: Raquel Scotti Hirson. Bolsista CAPES.

RESUMO

Este texto revela pistas para se pensar em presença no território das artes da cena partindo do que foi falado nas rodas de conversas com o tema presença durante o Seminário de Pesquisas Mario Santana do Programa de Pós-Graduação Artes da Cena – IA – UNICAMP. As pistas reveladas formam um conjunto de pontos de vista que servem para alargar a reflexão sobre o conceito em questão e para ampliar nosso olhar sobre o que é / provoca / dispara presença no contexto das artes da cena.

Palavras-chave: artes cênicas, acontecimento, presença.

ABSTRACT

This text reveals clues to think of presence in the territory of the performing arts starting from what was spoken in the wheels of conversations with the theme presence during the seminar: Mario Santana Research Seminar of Post-Graduation in Performing Arts – IA – UNICAMP. The clues revealed form a set of points of view that serve to broaden the reflection on the concept in question and to broaden our view on what is / provokes / triggers presence in the context of Performing Arts.

Keywords: performing arts, event, presence.

Passar muito tempo refletindo sobre presença pode tirar do eixo, desequilibrar, intensificar e esvaziar logo em seguida. Uma palavra que pode suspender o tempo, tem um tom de mistério, algo nebuloso, muitas vezes duvidoso, inefável e difícil de explicá-la em outras palavras. A própria reflexão se presentifica e ao mesmo tempo atualiza sobre a incapacidade humana de estar no presente, de vivenciar o aqui e agora porque quando ousamos fazê-lo, o lapso de tempo passa e no instante seguinte os devires do mundo alteram este presente, além do que, envoltos de memórias do passado, atualizações, imaginação e projeções futuras, nós como seres humanos vivemos indo e vindo neste mar de atravessamentos.

As respostas para a sublime questão “O que é presença?” vão de A a Z, se contradizem, se complementam, criam outras presenças, outras perguntas, calam, geram risos, silêncios e dúvidas, menos certezas e mais dúvidas. Respostas ambíguas, contraditórias, quem sabe até divergentes entre si. Refletimos sobre presença para qual finalidade? Respostas assertivas, convictas: presença não existe, outra palavra para presença? Nós, como artistas da cena, vamos dizer: presença existe sim. Presença que age sobre o espectador, como algo que atinge o espectador. Presença como algo verdadeiro, algo que pulsa. Presença como...

Acontecimento. **A**usência. **B**omba prestes a explodir. **C**onfiança, capacidade, **c**orpo vivo. **D**esequilíbrio x equilíbrio. **D**ar visibilidade a invisibilidades. **D**ar forma. **D**entro x **F**ora. **E**quilíbrio. **E**stado. **E**spiritual. **E**nergia. **E**xperiência. **E**xpressividade. **E**star no presente. **É** mais **E** que **OU!** **F**orça, frescor. **G**rito. **H**abilidades (inatas ou adquiridas). **I**maginação, impulso. **J**ogo. **K**_____. **L**iberdade. **M**agia, **m**oldar. **N**atural. **O**rganicidade x



mecanicidade. **Palpável x Impalpável. Querência. Repetição. Suspensão. Tensão. U_____.** **Verdade. Vivência. Xamanismo. Z_____.**

Neste texto começo a navegar por este abecedário, e quem sabe a partir daí eu possa avolumá-lo, refletir sobre pontos de vista, riscar palavras, preencher lacunas, encontrar pistas que desvelam o que é / provoca / dispara presença no território das artes da cena. Começar a refletir sobre esta temática não é uma tarefa simples, pois a questão da presença tem várias entradas e diversos pontos de vista, formando um conjunto de opiniões, como mostra o nosso abecedário. É mais “E” que “OU”, assim como disse Renato Ferracini, na abertura da roda de conversas sobre o tema presença no Seminário de Pesquisas Mario Santana. Para Ferracini, muitas vezes, o conceito de presença é vinculado à capacidade do ator, performer, bailarino de chamar atenção sobre si. Se formos até o dicionário teatral de Pavis, encontraremos a definição sobre presença como um atributo exclusivo do ator.

“Ter presença”, é, no jargão teatral, saber cativar a atenção do público e impor-se; é, também, ser dotado de um “que” que provoca imediatamente a identificação do espectador, dando-lhe a impressão de viver em outro lugar, num eterno presente. (PAVIS, 2008, p. 305)

Em contraponto, Ferracini entende esta conceituação de presença quase como uma egolatria, questionando este lugar comum do que seja presença, este atributo que o ator tem, seja técnico, energético, seja poético, de chamar atenção sobre si. Traz então a noção de presença como uma força que se constrói em relação, uma relação descentrada, uma presença que se constrói na relação do ator com o espaço e, principalmente, do ator com o espectador. Nesta visão, o ator não vai para a cena com o atributo da presença, mas com a predisposição de construir a presença em uma relação coletiva e isto certamente modifica a maneira como o ator trabalha esta presença. Renato, então, pensa atualmente na presença como uma autogênese poética e não exatamente em um trabalho que vem antes da cena; questiona a noção de presença como um atributo do ator para chamar atenção sobre si e traz a ideia de presença como força que surge na relação entre corpos.

A presença, como a penso, no campo da arte presencial, pode ser definida por ser uma força, e não um objeto ou atributo localizável. Sendo força ela somente pode ser definida e sentida na RELAÇÃO entre corpos. A presença, portanto, seria uma força percebida na relação entre os corpos envolvidos na intensidade e potência do ato cênico. A presença, no campo das artes presenciais é uma força gerada na ontogênese da ação em ato poético. Ela tem uma não forma, é incorpórea, virtual e só se gera no acontecimento poético. Tem caráter espectral, experiencial, não se vincula ao transcendente, ou místico ou a uma certa meta-verdade cênica ou humana. (...) A presença, no campo das artes cênicas, é uma força ontogenética poética imanente que intensifica e potencializa uma relação corpórea com a capacidade de transformar os corpos envolvidos. (FEITOSA; FERRACINI, 2017, p.114,115).

Nesta roda de conversa, ampliando a noção de presença, Matteo Bonfitto pensa a palavra no plural: presenças! Como cada processo criativo, cada material pede um tipo de presença, desde o extremo do corpo dilatado que, segundo ele, é um tipo de presença, não é A PRESENÇA, até o extremo oposto



que é a ausência, a não presença. No campo da performance isso ocorre na medida que o artista não está presente fisicamente mas viabiliza processos relacionais instaurando presenças e dinâmicas em eventos cênicos. Trazendo estes dois extremos, da bolha expressiva da dilatação corporal até a ausência do artista, que nas artes plásticas ocorre muito, Matteo pensa em presenças muito diferentes, pensa no ENTRE, no infinito que existe entre estes dois extremos e ressalta que neste meio existe também a questão da própria vulnerabilidade. Se por um lado podemos pensar presença como uma espécie de dinâmicas de dilatação expressiva, corporal, vocal, é possível pensar também essa questão da vulnerabilidade, de maneira que o ator seja um canal. Neste caso, o ator não objetiva expor mobilidade, se dilatar simplesmente para demonstrar mobilidade, mas explora vulnerabilidade para se colocar de um outro jeito em um processo criativo, muito mais como canal instaurador de experiências que alguém que puxa o foco para si mesmo. Dessa forma, o foco não é o ator com o corpo dilatado, mas a experiência que se busca instaurar. Bonfitto, então, pensa o ator como canal, como meio em que as coisas podem acontecer.

Com isso, Ferracini e Bonfitto trazem a noção de presença não como atributo localizável, dispensando a conceituação de presença de ator que chama o foco para si. Ferracini traz a ideia de uma presença que surge em relação e no ato poético e Bonfitto avoluma a questão da presença trazendo a noção de ausência e da própria vulnerabilidade, colocando o ator como um canal ou meio instaurador de experiências. Talvez seja impossível pensar em presença sem lembrar de ausência, e na tentativa de fugir desta dualidade presença x ausência, Charles Feitosa, filósofo que aborda a noção de presença juntamente com o ator e pesquisador Renato Ferracini, traz um conceito que possa transverter esta dualidade: o conceito de Acontecimento, que pretendo destrinchar um pouco adiante. Feitosa convidou Ferracini para uma mesa com o intuito de colocar, como filósofo, que presença não existe. Citando Heidegger, ele fala que presença não existe porque os corpos estão sempre no passado ou no futuro e, citando Derridá, com a metafísica da presença, expressão que foi abandonada pelo filósofo por haver muitos mal entendidos, mas Ferracini logo ressalta que não tem como ele debater com estes pensadores pelo simples fato dele ser um ator, e não um filósofo:

Um ator simplesmente aceita Heidegger pois não tem ferramentas conceituais para contestá-lo. Aliás, não temos ferramentas conceituais para contestar nenhum conceito da filosofia pelo simples fato de não sermos filósofos. (FEITOSA; FERRACINI, 2017, p.112).

Renato afirma que o conceito de presença traz um conhecimento muito específico para a área das artes cênicas. Se para alguns filósofos a presença não existe, o mesmo não podemos dizer para as artes da cena. Para Ferracini, a presença é um conceito muito característico das artes da cena, é um conceito que constrói conhecimento dentro desta área, que são presenças vinculadas a uma poética, não uma presença enquanto construção de si, mas uma presença relacional.

A presença como força tem uma não forma, é incorpórea, virtual e real, e o teatro cria diversos reais na ilusão, ou melhor, o real transpira na ilusão, na fantasia, na ficção, na fabulação, nestes reais virtuais. As virtualidades são estas outras presenças que acontecem, e quando a gente pensa no teatro, as



vezes uma ação, uma imaginação, uma fantasia, podem ser virtuais, impalpáveis, mas são reais, concretas. Para compreender melhor o que seriam estas virtualidades, tomemos como exemplo a leitura de um poema! A maneira como eu leio um poema é diferente da maneira como você lê um poema. A palavra escrita é concreta, o que a palavra gera de imagem para mim é diferente do que ela gera de imagem para você, mas esta imagem gerada é virtual e real. Todas as virtualidades, todos estes atravessamentos que compõe são reais, assim como é a presença: uma força impalpável, virtual, concreta e real.

Presença como acontecimento

Como citado anteriormente, a intenção de acomodar e considerar o conceito acontecimento nas artes da cena surge também do ímpeto do filósofo Charles Feitosa de transverter a dicotomia presença x ausência.

Acredito que o termo “presença” vem sendo tratado sempre em relação, ora de superioridade ora de inferioridade, ao seu oposto, ausência. Minha questão é: como transverter o binômio presença x ausência? Eu acredito que a noção filosófica de “acontecimento” deveria ser levada em conta como uma forma de escapar dos dualismos que vem norteando ainda que não explicitamente, a maioria de nossos debates e projetos artísticos em torno da presença. (FEITOSA; FERRACINI, 2017, p.108)

Então a palavra sugerida por Charles Feitosa para a substituição do conceito “presença” é “Acontecimento!” Cabe sublinhar que ele expõe a noção filosófica de acontecimento e questionar: o que seria então um acontecimento nas artes da cena? Na tentativa de desdobrar esta questão fui vasculhar um pouco na filosofia para tentar entender o que seria esta palavra. Encontrei abordagens do conceito de acontecimento entre os filósofos europeus: Michel Foucault, Gilles Deleuze, Jacques Derrida, influenciados pela obra de Heidegger, e mais recentemente pelo filósofo Slavoj Žižek na obra *Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito*. É importante justificar que o intuito não é refletir nem debater sobre a noção filosófica de acontecimento, mas há uma tentativa de acomodar este conceito para este território das artes da cena.

Em primeiro lugar, tem caráter de acontecimento aquilo que, tendo já ocorrido, apresenta todavia uma certa “actualidade” nas coordenadas do tempo presente. Afirmamos, então, que esse acontecimento nos dá a pensar e constitui uma provocação ao pensamento, porque todo acontecimento rompe com algo anterior, surgindo dessa ruptura uma novidade “radical”, um certo começo (Bárcena, 2004). Em segundo lugar, todo acontecimento é aquilo que se passa “aqui e agora” (hic et nunc), o que “irrompe, por surpresa e de modo imprevisto, numa situação particular. É o que se faz presente, o que emerge fendendo o presente e introduzindo nele uma certa descontinuidade (relativamente ao passado e ao futuro). Por isso mesmo, torna-se necessário distinguir entre “facto” e “acontecimento”. Diferentemente do primeiro, os acontecimentos introduzem uma fractura: irrompem por surpresa; sendo impossível antecipar o seu aparecimento, eles marcam um “antes” e um “depois”, nada volta a ser como antes depois do seu aparecimento fulgurante. Se um “facto” pode ser arquivado, dizer-se, explicar-se e dar-se a conhecer, os acontecimentos são indizíveis, inenarráveis ou simplesmente inefáveis. Este conjunto de traços foi



sublinhado pelo conjunto de filósofos que pensaram esta noção. (VILELA; BÁRCENA, 2006, p. 15)

Nas artes da cena, para que tenha um acontecimento, alguém propõe e convida aquele público para o encontro. Para que alguma coisa aconteça naquele momento de encontro entre artistas e espectadores, para que algo atravesse, precisa haver um primeiro impulso de organização. Quando o artista chama para uma apresentação, seja teatral ou performática, ele premedita uma situação, mas vai haver sempre um nível de surpresa. No caso da performance, haverá um programa, no caso do teatro, há uma encenação organizada. Então, por mais que pensemos e acreditemos que a presença cênica se dá no encontro, não tem como negar que existe um primeiro deflagrador que é quem propõe a cena, quem convida. O espectador toma a decisão de sair da casa dele para ir àquele encontro, mas quem propõe o encontro daquela maneira, daquele jeito é o artista. Como espectadora, posso ser receptiva para aquele encontro mas se eu vou chegar no teatro e vão ter vinte atores pulando ou se será uma cena lenta de duas horas de texto não sou eu quem propus aquilo e, como espectadora, vou me adequar ao que me foi proposto. A partir desta reflexão, questiono em que lugar está o acontecimento nas artes da cena: no ato de incendiar ou na coragem de salvar? Pode ser que criar uma cena possa gerar um acontecimento? Provocar acontecimentos é provocar possibilidades de efeitos de presenças?

Um curto-circuito em que eu mesmo provoco o mal de modo a poder superá-lo por minha luta pelo bem, como a governanta louca do conto "The Heroine", de Patricia Highsmith, que põe fogo na casa da família para poder provar sua devoção a esta salvando corajosamente as crianças do violento incêndio. (ZIZEK, 2012, p.44)

Sabemos que qualquer situação teatral ou performática é uma situação de risco, assim como é a possibilidade ou não de gerar efeitos de presença. Um acontecimento é algo que emerge fendendo o presente, mas no caso do artista, ele não fica só esperando um acontecimento "para salvar a criancinha", ele premedita o acontecimento, "coloca fogo na casa pra poder salvar a criança que está lá", pra ser o herói da história. O que quero refletir com isto é: será que o artista da cena então cria estruturas que possam se modificar pelos acontecimentos? Ou melhor, organiza a cena de modo suscetível para que então o acontecimento, este momento fulgurante de brilho, este momento frágil e potente do encontro irrompa de surpresa? Um acontecimento, nestes casos, gera um lampejo, um brilho, algo que você não entende porque mas acontece. Trago então aqui a noção de acontecimento sugerida por Raquel S. Hirson, durante o Seminário de Pesquisas com o tema presença, que é a relação do acontecimento/presença durante a preparação. Hirson afirma crer que presença está muito ligada à experiência bem como ao acontecimento e que o acontecimento ocorre desde a preparação para o ato cênico, não uma preparação para o artista se exhibir ou chamar atenção para si, mas uma preparação para aquele momento de encontro. Quantos momentos emergem fendendo o presente em sala de trabalho em uma criação artística, ou acontecimentos que mudam os rumos das nossas escolhas enquanto artistas num processo de criação? E por último, não deixemos de pensar nos lampejos que ocorrem em ato cênico, ou seja, no encontro do espectador com ator. Estes

momentos raros que não compreendemos racionalmente nem como ou por quê ocorrem, mas simplesmente acontecem singrando o presente como um brilho. Seriam estes momentos milagrosos que instauram uma presença espectral, uma entidade da máquina que não seria a presença corporal concreta, mas uma presença espectral dentro dela? Ou então seria um acontecimento sem nenhuma propriedade metafísica, mas que emerge como um momento fulgurante e atravessa os corpos envolvidos no ato cênico?

Ainda na roda de conversa, Verônica Fabrini traz a noção de acontecimento que ressoa quase como uma epifania e relembra o exemplo de Igor, colega da pós-graduação que estuda teatro-dança balinês e pesquisa sobre as técnicas dos atores bailarinos. Durante o seminário, Igor disse que no teatro-dança balinês há esta questão da presença como uma energia concedida pelos deuses, que neste caso, o ator ao ser mestre de sua técnica, saber suas habilidades, construir estas habilidades muito bem, ele pode ser agraciado com uma energia outra, que é o *taxo* que vem de uma forma. Há aí um entendimento que a presença não é só constituída com a maestria da técnica, mas vem concedida por um outro canal, talvez, que está diretamente ligado com o orar, uma graça. Ressaltando esta epifania como um momento de “zaps” do toque dos deuses, Fabrini entende a questão da encenação e do lugar da cena como um lugar de aparição dos fantasmas, que é então “tudo aquilo que não está”! Pensa na encenação como uma construção material e artificial entendendo o sentido de artes como campo para se fazer emergir aquilo que não está. Relembramos então o exemplo de Bonfitto sobre artistas que criam obras, mas que não necessariamente precisam estar presentes para evocar presenças, e neste caso, a questão da encenação não tem a ver com dar voz a alguém mas criar um campo através de materialidades para a aparição destes fantasmas.

A presença que vem do fazer

Por outro viés, não pensar em presença! Marcelo Lazzaratto, na roda de conversa disse que nunca se importou com essa palavra, com este conceito, que nunca gastou um segundo de seu tempo como ator com isso e, depois que passou a ser diretor, nunca exigiu isto de nenhum ator. Lazzaratto ressalta ser mais importante a questão do fazer e se o artista estiver concretamente fazendo o que tem que ser feito, ele será pleno. Para Lazzaratto, presença é uma palavra muito abstrata e talvez ela tenha que continuar neste território do mistério. O fazer é o caminho: construir, se exercitar, abrir seus canais de percepção, tudo é muito experienciado e vivenciado. Ainda assim, Lazzaratto coloca na roda os naturais, os que fluem com naturalidade, que são pessoas que sem muito esforço entram em cena e nós como espectadores ficamos olhando: uma questão de *taxo*, ele constata que existem umas iluminações e que nós ficamos um pouco com medo de tocar nestes assuntos.

Cassiano Sydow em sua fala relembra o comentário de Lazzaratto: “Não, não necessariamente estou interessado no tema presença, construir presença sem colocar a presença como problema. Se o ator está na ação, totalmente presente no jogo, na relação com o público, presença vai se produzir ali, a energia está concentrada ali”. Para Sydow, esta é uma maneira de se pensar em presença: a articulação corpo e mente. Ele diz que essa discussão de presença começa com Eugenio Barba constatando que tem gente que vai entrar em cena, e que antes mesmo de fazer uma ação, há uma presença, isto



quer dizer que estamos nos referindo a uma presença que não é produzida pelas ações, mas por um modo de estar no mundo. Cassiano então traz o exemplo de pessoas que tem uma presença extremamente forte, que não são artistas no sentido convencional do termo e relembra a figura de Ailton Krenak, uma presença indígena, importante, que tem um tipo de presença nítida não pelo fato de ser uma figura pública, mas pelo modo de estar, de falar. Cassiano fala de presenças que foram construídas durante uma vida, uma trajetória, como monges que conheceu, e então a presença passa a não ser somente uma questão das artes, mas da vida. Fala de pessoas com uma presença não só por um carisma, uma autoridade, mas sobretudo por serem pessoas que desenvolvem uma questão nos outros: “Às vezes você está do lado deste tipo de pessoa e pensa: acho que sou uma pessoa tensa, ansiosa”, algo reverbera pelo contraste de estado.

Traçando rotas iniciais

Navegamos ainda que superficialmente pelo nosso abecedário, a viagem ainda está só começando, com a maré tranquila e a temperatura agradável, tomemos tempo de traçar as primeiras rotas: no ponto zero partimos com a ideia de presença que se constrói em relação, uma autogênese poética. Ampliamos então a palavra para o plural: presenças! E refletimos o ENTRE, sobre o infinito que existe entre a ideia de presença como dilatação corpórea até o seu extremo oposto que seria ausência. Neste infinito pensamos na própria vulnerabilidade do artista e da possibilidade deste se transformar em um canal instaurador de experiências, a presença surge como canalização.

Da dualidade presença x ausência surge o terceiro termo: Acontecimento e a pergunta: o que seria o acontecimento no território das artes da cena? Ainda sem muitas respostas concretas, mas alguns palpites a rota se abre para duas direções: seria o acontecimento algo relacionado a um momento de epifania e milagroso ou algo não metafísico e possivelmente estruturado pelo artista da cena?

Manejamos também na necessidade de aberturas dos canais de percepção, a permanência da ideia de presença no território do mistério, e o tempo inteiro em uma oscilação entre o dentro e fora. Tocamos na questão das iluminações, na aparição dos fantasmas e foi falado até de espiritualidade, tema que a academia tem horror! Um espaço de não saber nesta questão da presença é este estado de disponibilidade enquanto o artista se coloca no lugar de passagem para que a presença possa emergir. Assim como o acontecimento, a presença pode ser fugaz e ela pode migrar de uma coisa para outra, o tema da presença surge então de uma possibilidade menos controlada, menos autoritária. Mesclamos ainda a questão da presença no território arte e vida, pensamos também o quanto a presença está relacionada a um estado de ser da pessoa.

Mapeada a trajetória inicial, observamos diversas categorias da presença através do nosso abecedário, acoplamos conceitos afirmando a ideia de conjunto: é mais E que OU! A previsão é que a viagem será longa e muito ainda será desvelado, traçaremos outras rotas, algumas para nos perder, e encontraremos muitas outras presenças ilustres no meio do caminho que nos ajudem a refletir sobre o que é / provoca / dispara presença no território das artes da cena, eis um prelúdio!



Referências bibliográfica

- FEITOSA, Charles; FERRACINI, Renato. *A questão da presença na filosofia e nas artes cênicas*. In Ouvirouver Uberlândia v. 13, n. 1. 2017.
- PAVIS, Patrice. *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- VILELA, Eugénia; BÁRCENA, Fernando. Acontecimento. In: CARVALHO, Adalberto Dias de (Coord.). *Dicionário de filosofia da educação*. Porto: Porto Editora, 2006. p. 14-19.
- ZIZEK, Slavoj. *Acontecimento: Uma viagem filosófica através de um conceito*; tradução Carlos Alberto Medeiros. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

